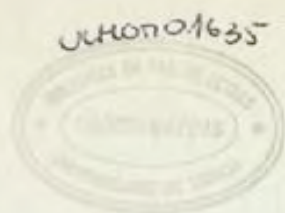




TEATRO



do Romantismo aos nossos dias. CENTO



*uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por*

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS, U.S.A.

2.^o volume

Bernardo Santareno

Pseudónimo literário de António Martinho do Rosário, nascido em Santarém, a 19 de novembro de 1924.

Obras principais: Teatro — A Promessa (Teatro Experimental do Porto, 1957); O Bailarino e A Excomungada (publicados em 1957); O Lugro (Teatro Nacional de D. Maria II, 1959); O Crime de Aldeia Velha (Teatro Experimental do Porto, 1959); António Marinheiro ou o Édipo de Alfama (publicado em 1966); O Duelo, O pecado de João Agonia e Os Anjos e o Sangue (inéditos).

Outras obras: Poesia — A morte na raiz (1954); Romances do mar (1955); Os olhos da víbora (1957). Prosa — Nos mares do fim do mundo (1959).

Desde que, em 1957, Bernardo Santareno irrompeu no habitualmente plácido mundo da literatura dramática portuguesa, com um volume em que reunia três peças que eram outros tantos gritos de uma liberdade raivosamente assumida, e por isso mesmo trágicamente paga em sangue, a sua vigorosa personalidade e a sua obra, desequilibrada por vezes mas sempre estuante de uma impetuosa, instintiva humanidade, não deixaram de suscitar as mais apaixonadas discussões. Oscilando entre os pólos (de sinal contrário, mas de força equivalente) de uma fascinação do mal e de uma obsessão de angelismo, o seu teatro realiza a inesperada fusão de temas de raiz popular (mas povo tenho ido buscar todas as minhas criaturas, os conflitos dos meus dramas, todos os meus motivos estéticos, declarou ele numa entrevista; é a gente do mar ou da serra que eu vou pedir a voz para os vivos do instinto, a que empresto as asas, nleas ou sangrentas, da liberdade) com as preocupações existenciais mais fundamente sentidas na carne e no espírito do homem seu e nosso contemporâneo. Eis porque Urbano Tavares Rodrigues pôde afirmar que neste teatro, radicado nos costumes, nas crenças, nas superstições, no feitiço rude e trágico dos pescadores (e dos homens do campo e da montanha, acrescentaremos nós) portugueses, de um povo português piedoso e testicular, é teatro existencial, como lição de realização integral do homem, de harmonia procurada (através do desespero, da luxúria, do crime e da santidade) no encontro do indivíduo consigo mesmo. Mas demos novamente a palavra ao autor de A Promessa (sua primeira peça a estrear-se, em 23 de novembro de 1957, no Teatro Experimental do Porto, encenada por António Pedro e interpretada, nas principais figuras, por Dalila Rocha em Maria do Mar, João Guedes em José, José Pina em Labareda, Alexandre Vieira em Jesus, Ruy Furtado em Salvador, Cândida Maria em Rosa, e Vasco de Lima Couto em Padre) — que assim reveladamente se exprimiu sobre a génese e o significado do seu teatro:

«Nunca as minhas personagens, as minhas ideias, as minhas peças, são criações limpas de sombra. Antes pelo contrário: toda a gente pode perceber nelas — por mais roupagens que eu lhes faça vestir — troços de raízes antigas, lagos de sangue vivo, reflexos de luas sagradas... Nunca Apolo leva a melhor sobre Dionisos. E assim também eu, é claro, não posso interpretá-las com muita claridade: parece-me no entanto que a Joana (do *Crime de Aldeia Velha*), como a Maria do Mar (da *Promessa*), como a Irmã Natividade (da *Excomungada*), como a Amália (de *António Marinheiro*), como o Paulo (de *O Bailarino*) ou o António Marinheiro, como a Manuela (de *O Duelo*) ou o João Agonia, são individualidades telúricas empenhadas em rasgar o amálgama pastoso e indefinido; forças bravas, que o peso do sangue que lhes queima as carnes, ou uma nebulosa e obsidiante fome de absoluto, leva ao auto-esfacelamento de encontro às grades da prisão; fogachos, às vezes logo apagados, que nos deixam antever a esperança de relações humanas novas, mais harmoniosas e autênticas, mais perto da verdade biológica, psíquica e social do Homem...»

Cendências Actuais (3)

Bernardo Santareno, uma cena de
O Luge (Teatro de D. Maria II,
1959) e outra de *A Promessa* (T.
Experimental do Porto, 1957)



Bernardo Santareno

A P R O M E S S A

Personagens:

MARIA DO MAR, 23 anos.

JOSÉ, 26 anos.

LABAREDA, 25 anos.

JESUS, 15 anos.

SALVADOR, 72 anos.

ROSA, 55 anos.

1.ª VELHA, 60 anos.

2.ª VELHA, 62 anos.

3.ª VELHA, 65 anos.

PADRE, 68 anos.

1.º HOMEM.

2.º HOMEM.

3.º HOMEM.

4.º HOMEM.

5.º HOMEM.

1.ª MULHER.

2.ª MULHER.

3.ª MULHER.

SARGENTO.

Guardas, gente do povo.

ACTO PRIMEIRO

Cozinha em casa de Salvador. Lareira grande, baira, praticável. Ambiente que resume os usos e os credos dos pescadores portugueses: não apenas os duma certa região (Nazaré ou Póvoa do Varzim, por exemplo), mas os da costa em geral. É madrugada.

Ouve-se, lá fora, um mar bravíssimo e o vento rijo. Ao subir o pano, Salvador, só em cena, acocorada em cima da lareira, atea o fogo com uma nova acha, soprando. Semiobscuridade no resto do compartimento.

MARIA DO MAR *(entra, vinda do quarto onde dorme com José: ainda desgrelhada, o cabelo comprido caído pelas costas, traz numa das mãos uma candeia acesa, erguida ao nível do rosto. Descalça, saia negra muito rodada, blusa vermelha)*: Bom dia, pai!

SALVADOR *(enchendo o cachimbo; veste camisola de grossa lã preta)*: Bom dia, rapariga!

MARIA DO MAR *(que vai pendurar a candeia num prego, para tal existente na coluna da lareira)*: Maldito tempo!... *(Agressiva)*: Vossemecê dormiu aí?

SALVADOR: Levantei-me ainda não eram quatro horas: não podia com o frio...

MARIA DO MAR *(alisando os cabelos com um pente)*: O pior, é a lenha... Muito frio-mento vossemecê me saiu, pai! Até na cama tem frio...

SALVADOR *(que fixa o fogo)*: Estou velho, rapariga...

MARIA DO MAR *(troça crispada)*: Não é da idade, pai: isso... é do sangue!

SALVADOR: Estou velho... e só.

MARIA DO MAR *(para, de súbito, atirando com o pente para cima duma mesa)*: Mais vale só, que mal acompanhado!

SALVADOR *(silêncio; fixando Maria do Mar)*: Explica-te, Maria do Mar!...

MARIA DO MAR *(brusca, atando a saia na cinta)*: Ora!... Que tempo mais malvado!...

SALVADOR: Queres tu dizer com isso, que a minha Rosária — Deus a tenha em descanso! — não era boa companheira?...

MARIA DO MAR *(cantarolando)*: Ai, la-ri-ló-lé... Vossemecê não está bom, meu pai? Põe mau sentido em tudo quanto eu digol...

SALVADOR: Como tu estás mudada, Maria do Mar! *(Silêncio.)* E como tu me tratas!... Tens razão: eu, agora, não passo dum peso morto...

MARIA DO MAR *(que prepara o café)*: Vossemecê está em sua casa, meu pai... *(Num rompante)*: Em sua casa, com o seu filho José e o seu filho Jesus! Aqui, a estrangeira sou eu... *(A bater no peito com*

ambas as mãos:) eu, eu é que sou a estranha! Não tenha medo, meu pai: está em sua casa, com a sua gente... Não, não pesa a ninguém!

SALVADOR: Mas o pão que eu como, é teu! Eu já não tenho braços... nem pernas... *(Mostra um par de muletas.)* Ai, Maria do Mar, isto é muito triste!...

MARIA DO MAR *(sempre a trabalhar)*: O pão que vossemecê come, é do seu filho José: ele é quem o ganha...

SALVADOR: Dele ou teu, não é o mesmo? Ele não é o teu homem?

MARIA DO MAR *(a bater com a cafeteira, nervosa)*: Meu homem?! *(Riso frenético.)* Deixem-me rir! *(A cantar.)* Ai, la-ri-ló-lé... o meu homem!

SALVADOR *(com estranheza)*: Estás doida, rapariga? Que diabo tens tu?

MARIA DO MAR *(angustiada, quase a chorar)*: Maldito tempo! *(Vai abrir a janela: claridade do exterior, mar e vento mais audíveis.)* Ah, mar! Ah, filho dum cão! Que o demónio te beba, malvado! *(Fecha violentamente a janela.)* E há cinco dias que isto dura!... *(Num ímpeto, girando em redor de si mesma.)* Estou farta do mar, entende? Farta, até aqui! *(Indica os cabelos.)* Mar, mar, mar... O mundo não é só o mar, meu pai!

SALVADOR: Para a gente é, Maria do Mar: se tu, rapariga, até no nome lhe pertences!

MARIA DO MAR: É verdade, meu pai: Deus marcou-me! Foi logo desde a nascença... Marcadinha, meu pai, logo marcadinha! *(Mutações rápidas.)* Mas então o seu filho hoje não se levanta? *(A porta do quarto, irritada.)* Zé!... Ah, Zé!... São mais que horas: levanta-te, homem!

SALVADOR: Deixa-o, mulher, deixa-o dormir: ele hoje ainda não pode ir ao mar. Talvez amanhã... Talvez o tempo mude hoje, durante o dia...

MARIA DO MAR: Ora, ora, meu pai! Vossemecê cuida que o Zé tem pena, por não se poder fazer ao mar? Bem se importa ele com o mar!

SALVADOR: Não se importa?! Com que se há-de importar um pescador, Maria do Mar? Tu sempre tens coisas...

MARIA DO MAR *(ruim)*: E vossemecê gosta muito do mar, não é assim? Não haja dúvidas que tem razões para isso! Veja o que ele fez das suas pernas... O mar, o mar!...

SALVADOR *(silêncio. Depois, triste)*: Tu, dantes, eras bondosa e alegre. Agora, andas sempre triste... e já não és tão boa: que tens tu, minha filha?

MARIA DO MAR: Triste, eu?! Ora vejam lá!... Então conhece alguém, na borda de água, mais alegre que a Maria do Mar? Quem há para aí capaz de se rir como eu? Quem, meu pai?! *(Gargalhadas estridentes, nervosas.)* Imaginem, eu, triste! Que razões, sim, que motivos teria eu para andar triste, meu pai? Como e bebo, tenho saúde, durmo bem... Só se fosse mal agradecida a Deus! *(Mutações: inquieta, trocista.)* Vossemecê esquece-se de que o seu filho é agora o sacristão cá da terra? *(Olha o relógio da parede.)* São seis horas... está quase a tocar para a missa. *(Chamando.)* Zé! Levanta-te, Zé! Olha a missa! *(Para Salvador.)* Olhe, pai, disto é que ele gosta: da igreja, dos círios, da opa encarnada e das ladainhas... e isto é que o seu filho quer bem. Bem quer ele saber do mar!... Ora, o mar, o mar!... *(Mutações.)* Cá por mim, tenho-lhe raiva... Maldito mar! Por causa dele é que eu... *(A voz embargada pelo choro.)*

SALVADOR: Cala-te, mulher, não te castigue Deus!

MARIA DO MAR *(em fúria)*: E quer maior castigo? Ainda maior, meu pai! *(Batendo com ambas as mãos na face.)* Há para aí alguma mais desgraçada do que eu? Maria do Mar... Maria do Diabo, Maria do Diabo é que eu sou! *(Mutações.)* E veja se acaba de fumar, pai: daqui a pouco, ninguém pode

respirar nesta casa! *(Tosse. Empurrando a mesa e as cadeiras para o meio da sala.)* Para quê? Para que me hei-de eu estafar a arrumar esta casa? Vem vossemecê e repalha tabaco e cinzas por toda a parte; o Jesus, coitado, tropeça aqui, tropeça acolá... e põe cada coisa para o seu lado; quanto ao Zé, pode bem o esterco chegar-lhe ao nariz, que ele não dá por nada!... Homens, homens, homens! Nesta casa só há homens... *(Está a varrer o chão; pára de repente; depois, expressão trocista.)* Homens?! Ai que ricos! *(Cantarolando.)* Ai, la-ri-ló-lé...

SALVADOR: Ah, Maria do Mar! Olha que eu, muitas vezes, até penso que tu me tens ódio, rapariga!

MARIA DO MAR *(crispada)*: E porquê? Por que razão havia eu de odiá-lo, senhor?

SALVADOR: Que eu saiba, nunca te fiz mal...

MARIA DO MAR *(num grilo)*: Fex!

SALVADOR: Eu?! *(Pausa. Triste.)* Ah, já sei... é por causa da promessa, não é?

MARIA DO MAR *(arrependida)*: Ora, doidões! Vossemecê faz-me dizer coisas sem jeito, meu pai: que culpa tem vossemecê disso, dessa promessa?... *(Ouve-se, mais forte, o vento.)* Ai, que maldito tempo!...

SALVADOR *(silêncio)*: Vai falar com o padre, Maria do Mar: promessas assim, não devem fazer-se. Mas se, num momento de aflição, um pobre mortal as faz... deve mudá-las. Vai ter com o senhor Prior, Maria do Mar! Faz o que eu te digo, rapariga... Verás como, depois, tudo mudará nesta casa: vocês não são santos!...

MARIA DO MAR *(desdém e raiva)*: É. Ele é. O seu filho quer ser santo!

JOSÉ *(que ouviu a última fala de Maria do Mar. Vem descalço e veste uma camisola branca de lá)*: Bom dia, pai!

SALVADOR: Bom dia.

Í N D I C E

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII 657

<i>Introdução</i>	IX
1. <i>Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa</i>	XIII
2. <i>Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett</i>	XV
3. <i>Garrett e a restauração do teatro português</i>	XVI
4. <i>Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia Catão e a geração liberal de 1820 — O exílio</i>	XVII
5. <i>O Auto de Gil-Vicente, início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o Frei Luis de Sousa — As últimas peças de Garrett</i>	XIX
6. <i>O equívoco do teatro histórico ultra-romântico</i>	XXI
7. <i>O melodrama histórico da década de 1839-50</i>	XXIII
8. <i>O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo</i>	XXVIII
9. <i>A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo</i>	XXXII
10. <i>A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro</i>	XXXIII
11. <i>Outros encontros da «geração de 70» com o teatro</i>	XXXVII
12. <i>Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português</i>	XXXIX
13. <i>Revivescência do teatro histórico — A Pátria de Junqueiro</i>	XLI
14. <i>O realismo dos Velhos de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas</i>	XLV
15. <i>Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista</i>	XLVII

16. <i>O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes</i>	XLVIII
17. <i>O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira</i>	L
18. <i>Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão</i>	LIII
19. <i>Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício</i>	LIV
20. <i>Situação do teatro português entre 1918 e 26</i>	LVI
21. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional</i>	LVIII
22. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: A sátira de costumes</i>	LIX
23. <i>O teatro de Alfredo Cortez</i>	LXII
24. <i>A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro</i>	LXIII
25. <i>O teatro português na década de 30</i>	LXV
26. <i>O modernismo no teatro português</i>	LXVIII
27. <i>O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental</i>	LXXII
28. <i>Situação actual do teatro português</i>	LXXIII
29. <i>O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos</i>	LXXVIII
30. <i>Conclusão</i>	LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente	1
Gomes de Amorim: Figados de Tigre	21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa	53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflores	71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar	105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema	121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha	143
× Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã	171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre	189
Eduardo Schwalbach: Os Postigos	217
× Fernando Pessoa: O Marinheiro	275
Vitoriano Braga: Octávio	283
Carlos Selvagem: Entre Giestas	303
António Patrício: D. João e a Máscara	341
Ramada Curto: O homem que se arranjou	371
× Raul Brandão: O Avejão	397
António Botto: Alfama	403
Alfredo Cortez: Gladiadores	427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traíçoero	449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos	473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente	493

× <i>Alves Redol: Maria-Emília</i>	519
× <i>Branquinho da Fonseca: Curva do Céu</i>	529
<i>José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe</i>	535
× <i>Almada Negreiros: Antes de começar</i>	559
→ × <i>João Pedro de Andrade: Continuação da comédia</i>	567
× <i>Jorge de Sena: Amparo-de-Mãe</i>	575
× <i>Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte</i>	581
<i>Bernardo Santareno: A Promessa</i>	597
<i>Costa Ferreira: Um homem só</i>	623

Nota Final

Nota Bibliográfica

Índice dos Nomes Citados no Prefácio



Principais Correções

660

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	incluído	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, <i>episódios em 1 acto</i> (1902); <i>O Rei Maldito, peça histórica em 5 actos</i> , e <i>A Noite do Calvário</i>
121	31	<i>solicitados, por</i>	<i>solicitados por</i>
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade (1953)	Voz da cidade (1952)
427	7	Henri Josset	André Josset
575	17	causa	acusa
575	18-19	<i>épocas ad libitum, permutáveis</i>	<i>épocas, ad libitum permutáveis</i>
581	22	(1969)	(1961)
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.